

UM VILANCETE RECÊM- -DIVULGADO DE LUÍS DE CAMÕES*

A NEWLY REDISCOVERED VILANCETE BY LUÍS DE CAMÕES

FELIPE DE SAAVEDRA

UNIVERSIDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MACAU

FILIPEDSES@MUST.EDU.MO / SAAVEDRA@CAMONIANOS.PT

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-6667-417X](https://orcid.org/0000-0001-6667-417X)

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 23/08/2025

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 09/12/2025

Resumo: Foi revelada ao público recentemente uma composição ao divino creditada a Luís de Camões no manuscrito que a conserva, o vilancete *Duas grandes marauilhas / Vede se Vio Creatura*¹. Neste pequeno poema devocional confluem três temas mariânicos, populares nas letras e nas artes da época: o da Virgem lactante com o Menino, o do símile entre o leite e o sangue, e o da lactação dos santos e dos crentes, que eram cultivados nos hinários e na liturgia, bem como nas hagiografias e nas iconografias bernardiana e agostiniana. Os três motivos forneceram a matéria poética com que foi elaborada esta síntese, que dialoga muito de perto com outro poema identificado como sendo também de Camões, intitulado a *Elegia à Paixam de Christo N. Senhor*², permitindo ampliar o perfil do poeta como compositor de hinos sacros.

Palavras-chave: Camões, fluidos corporais, poesia devocional, diálogo interartes.

* Pesquisa financiada pelo Projeto # FRG-25-029-UIC: A poesia de Camões – estudo, tradução e publicação, U.C.T.M. / M. U. S. T., com a assistência da Biblioteca da Ajuda.

1 Camões: <1580.

2 Camões 1616: 11r-14v.

Abstract: A devotional poem, the villancico *Two Great Wonders / See if anybody has seen*, credited to Luís de Camões in its extant manuscript, was recently revealed to the public. This short devotional poem combines three Marian themes, popular in the literature and arts of the time: those of the Virgin Mary nursing the Infant Jesus, the pairing of milk and blood, and the lactation of the saints and worshipers, which were transmitted in hymnals and liturgy, as well as in Bernardine and Augustinian hagiographies and iconography. These three motifs provided the poetic material with which this synthesis was crafted, dialoguing closely with another poem also credited to Camões, *Elegy to the Passion of Christ Our Lord*, allowing us to better appreciate the poet as a composer of sacred hymns.

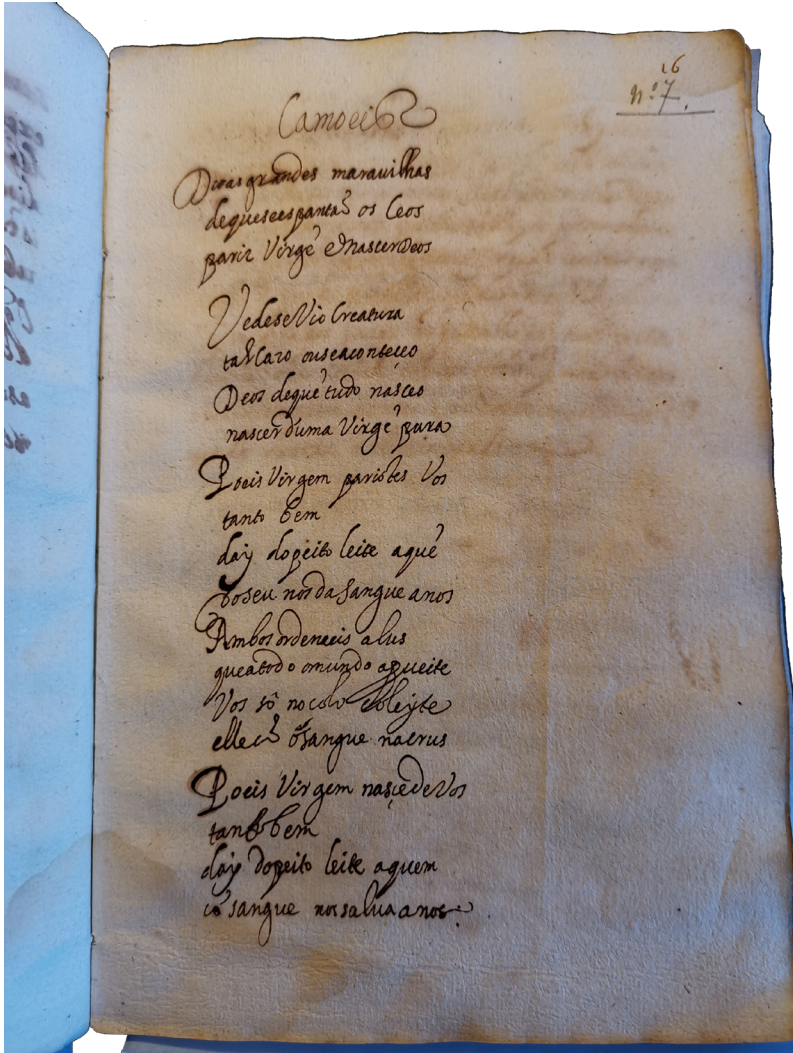
Keywords: Camões, bodily fluids, devotional poetry, interchanges between poetry, music and painting.

A FONTE MANUSCRITA

O vilancete *Duas grandes maravilhas / Vede se Vio Creatura* está preservado no códice manuscrito BA 51-II-42 da Biblioteca da Ajuda, proveniente da Biblioteca da Congregação do Oratório. Na página inicial figura uma anotação de posse ostentando a data de 1672.

Os textos que ali se conservam mereceram a atenção de Arthur Lee-Francis Askins ainda nos anos sessenta, e têm vindo a ser estudados por investigadores portugueses e espanhóis, entre eles José Adriano de Freitas Carvalho, Fernando Bouza e Fernando Herrera de las Heras. O códice carece ainda de um estudo codicológico, e a datação da atividade dos copistas permanece incerta:

Já BA 51-II-42, manuscrito misto de prosa e verso, onde surgem sonetos atribuídos a Frei Agostinho da Cruz («Duro ferro, cruel lança homicida»), a Diogo Bernardes («Não seja hoje o sol de



luz avaro»), a Vasco Mousinho Quevedo Castelbranco («Quando as cerúleas ondas no mar alto»), por entre muitos outros poemas anónimos, a sua datação não é fácil. Por um lado, alguns dos textos em prosa referem-se a acontecimentos ocorridos entre 1570 e 1580; por outro lado, em caligrafia e tinta que parecem distintas, registam-se poemas de autores seiscentistas, como Barbosa Bacelar (Cunha 2011: 31-32, n. 43).

O vilancete é a única composição com autoria creditada a Camões extante naquela recolha³, e dele não foi ainda identificado outro testemunho. Nuno Júdice interessou-se pelo texto assim que o encontrou em 1976, e divulgou-o em 2022⁴, deixando algumas pistas de leitura como contributo inicial para o aprofundamento da pesquisa.

DUAS GRANDES MARAUILHAS / VEDE SE VIO CREATURA

144

[16]
[nº 7.]

Camoës

Duas grandes marauilhas
de que se espantão os Ceos
parir Virgẽ e nascer Deos

5 Vede se Vio CREATURA
tal caso ou se aconteçeo
Deos de quẽ tudo nasçeo
nascer duma Virgẽ pura

³ Camões <1580: 16r.

⁴ Júdice 2022, com errónea disposição das estrofes; cf. também Saavedra 2025a.

10 Poeis Virgem paristes Vos
 tanto bem
 daý do peito leite a quẽ
 Co seu nos da sangue a nos

15 Ambos ordenaeis a lus
 que a todo mundo ap^{ro}ueite
 Vos só no colo co leýte
 elle cõ o sangue na crus

Poeis Virgem nasce de Vos
 tanto bem
 daý do peito leite a quem
 cõ sangue nos salua a nos:

145

ESQUEMA RIMÁTICO

ABB CDDC EfFE GHHG EfFE

DESCRIÇÃO

Versos em arte menor com rima soante e duas ocorrências de verso em pé quebrado trissilábico, próprios do género⁵. No mote, *Ceos* e *Deos* seriam rima soante, já que palavras como “*Deus* eram pronunciadas, no português antigo, com um *e* aberto”⁶.

⁵ “Dez vilancetes apresentam pés quebrados, colocados em posições alternadas e não regulares; alternam-se, também, entre trissílabos e tetrassílabos”, Fernandes 2017: 45.

⁶ Fonte 2011: 1.

A estrutura contempla dois pares de estrofes. O segundo componente destes pares é repetido, com ligeira variação nos primeiro e quarto versos. Tal estrutura poderia destinar-se à entoação por dois coros, em que um responderia ao outro.

Apenas a primeira estrofe das glosas desenvolve o tema do mote, que é o do mistério da Encarnação. As três seguintes elaboram o símile entre o leite da Virgem e o sangue de Cristo, ambos dadores de vida.

VARIANTES GRÁFICAS

3, 7: Virgẽ ≠ 8, 16: Virgem

10, 18: leite ≠ 14: leÿte

11, 14: co ≠ 15: cõ o – nos versos 11, 14 há o uso de “co” por razões métricas, resultando da crase entre a forma apocopada de “com” e a vogal do artigo, que as mesmas razões métricas impediriam no v. 15.

146

COMENTÁRIO

3: “nacer Deos”, 6/7: “Deos de quẽ tudo nasçeo / nacer” – dentro do sistema religioso cristão, o nascimento de Deus adquire o sentido paradoxal de um impossível/possível; nas religiões antigas do Mediterrâneo os deuses eram gerados e nascidos, não sendo, portanto, eternos, mas eram imortais; em oposição, o Deus cristão é eterno, e, contudo, morre.

8, 16: a variante *Poeis* pode refletir a pronúncia regional nortenha do ditongo *oi* realizado oralmente como tritongo *uei*.

12: A luz tem sentido salvífico, e *ordenar* evoca *ordenhar*, extrair o leite, ambos derivando de *ordināre*, o segundo por via de **ordiniāre*⁷. A forma *ordenhar* está documentada na *Ecloga chamada Liarda*, transmitida

⁷ Nascentes 1955: 366.

pelo *Cancioneiro de Cristóvão Borges*⁸. Os versos 12/13 sugerem pois: vós ofereceis-nos a redenção através da dádiva do luminoso leite do vosso seio.

A VIRGEM LACTANTE COM O MENINO

Dos temas presentes no vilancete, o da Virgem lactante é o mais antigo. A água das fontes sagradas apolíneas, e o vinho no dionisismo, tiveram grande peso nas religiões e na poesia da Antiguidade greco-romana. O leite, ainda que presente em narrativas importantes como a da Via Láctea sobre o de Juno, a de Amalteia quanto ao da cabra, ou a de Rómulo e Remo a propósito do da loba, parece não ter granjeado importância equiparável àquela de que usufruiu em outras civilizações antigas, nomeadamente nas da Índia, do Oriente Próximo e do Egito antigo, onde era reverenciado e associado a várias divindades: “Several deities, such as Hesat, Isis, Mehet-wrt and IAt (IAt) were linked to milk”⁹. De facto, no mundo clássico não existe um deus ou uma deusa do leite, ou a ele associado consistentemente, e “Milk seems to have had a very limited role in classical religious practices. It was occasionally used as a libation in purification rites...”¹⁰.

147

O culto cristão apropriou-se do vinho na Eucaristia como sucedâneo do sangue: “Baccho transformara a água em vinho [...] como Cristo o faz nos odres de Canaã, prenunciando a transformação seguinte, a do vinho no seu próprio sangue”¹¹. A nova religião valorizou também discursivamente o leite. Como exemplo, “Tertullian notes with pride that [Caracalla] was ‘raised on Christian milk’ (*lacte Christiano educatus*) by his attendants in the imperial court”¹².

8 Borges 1979: 48v.

9 Mohamed 2017: 32.

10 McCormick 2012: 107.

11 Camões 2022: 238.

12 Penniman 2017: 9.

A expansão do culto mariano reforçou o valor simbólico do leite, que ganhou propriedades salvíficas, a par dos outros líquidos sagrados ou consagrados:

[...] the nourishment the Virgin/Theotokos provided for the infant Jesus as being similar in nature to that which He himself offers to humankind, according to John 6. 35, among other sources: “I am the bread of life. He who comes to Me shall never hunger, and he who believes in Me shall never thirst”. Such expressions involving food with reference to Christ are recurrent in the Gospels – he was also thought as bread, the true vine (John 15.1), and the water of everlasting life (John 4.14) (Draghici-Vasilescu 2016: 3).

Na cristandade oriental, e depois na ocidental, foram elaboradas inúmeras representações pictóricas da Virgem lactante, bi- e tridimensionais:

Called the Galaktotrophousa, or ‘she who nourishes with milk’ in the eastern Christian tradition, examples appear throughout the mediaeval world, as Late Antique Coptic secco paintings [...], post-Byzantine Cretan icons, thirteenth-century Armenian manuscript illuminations and a German statuette of c. 1300, to name only a few. The earliest significant body of representations of this subject comes from Late Antique Egypt (Bolman 2016: 13).

A origem desta invocação da Virgem no Egito cristão poderia ter-se devido ao propósito de com esta representação se procurar substituir a anterior figuração de Ísis com Hórus: “Isis is, therefore, often pictured with Horus seated on her lap with his head near her exposed breast, or nursing at her breast. Such an image is termed *Isis lactans*”¹³.

13 Rancour-Laferriere 2018: 150.

Na raiz bíblica do tema encontram-se as palavras de uma admiradora anónima de Maria, dirigidas a Cristo: *beatus uenter qui te portauit, et ubera quae suxisti*, “bendito seja o ventre que te carregou, e os peitos que sugaste”, Lucas 11:27. O contexto é problemático pela resposta que esta mulher recebeu do Filho, mas os termos físicos, e mesmo fisiológicos, que dariam forma ao panegírico de Maria estavam lançados. Na Península Ibérica encontramos nas *Cantigas de Santa Maria* do século XIII um pedido à Virgem para que ela que interceda pelos pecadores junto do Filho, usando como poderoso elemento de persuasão aqueles peitos onde ele mamara: “móstra-ll’ as tas tetas santas que houv’ el mamadas”¹⁴.

Após ter conhecido uma grande voga, a representação da *Virgo lactans* entraria em declínio nos espaços artísticos da Reforma, onde o culto mariano foi desencorajado, e igualmente da Contrarreforma:

Therefore the decline of images showing the nursing Madonna in the late sixteenth century is unsurprising if taking into consideration the Council of Trent and all the treatises produced under its influence that strongly condemned nudity and inappropriate subjects in religious art (Schaefer 2014: 46).

149

Um novo pudor em figurar os seios descobertos da Virgem surgiu como reação ao realismo das representações pictóricas a partir do Renascimento, consideradas demasiado próximas da carne: “As a result, painters that as of the end of the fifteenth century chose to depict the iconographic type of the *Madonna lactans* tried not to show too much flesh to avoid impure thoughts”¹⁵.

14 Guardiola 2022: 6.

15 Schaefer 2014: 42.

O TEMA DA INGESTÃO DO SANGUE

A leitura aprofundada do vilancete requer o paralelo com outras composições de Camões que lhe são próximas. É na *Elegia à Paixam de Christo N. Senhor* que Camões demonstra conhecer bem um hino à cruz, o *Lignum vitae quaerimus*, conhecimento esse que é também patente no vilancete. No hino medieval e na elegia de Camões glosa-se um segundo motivo, o da ingestão do sangue de Cristo enquanto sentido literal da Eucaristia. Pedro Damião, no século XI, escrevia: *Libet pretiosissimum sanguinem in ore meo suscipere distillantem*, ou seja, “gostaria de receber esse sangue preciosíssimo a gotejar na minha boca”¹⁶. No Tabernáculo Chiarito, de c. 1340, o sangue irradia com grande riqueza gráfica do umbigo de Cristo para a boca dos apóstolos, e ainda para a de um crente presente no ato eucarístico: “The composition shows the Apostles receiving Communion from rivulets of blood that emanate from Christ’s”¹⁷.

150

Receber-se a vida eterna pela ingestão do sangue de Cristo na Eucaristia foi então equiparado ao ato de dar vida ao lactente através do leite materno, símile formulado no *Lignum vitae quaerimus*, hino destinado às oitavas da Virgem, *De sancta cruce et Beata Maria Virgine sive Sequentia per octavam nativitatis Beate Mariae Virginis*, que teria sido composto pelo francês Philippe de Paris, falecido em 1236¹⁸, ou, segundo outra proposta, durante o século XIV. A base de dados *Mirabileweb* (s/d) apresenta a lista de manuscritos e de impressos onde este hino circulou. A primeira publicação moderna não é a indicada de 1856, e sim a do editor anónimo do periódico *The Ecclesiologist*, que o imprimiu em 1853 como *Sequentiæ Ineditæ*, obtido no *Missale Morinense* de 1520¹⁹.

16 O’Connel 1985: 30.

17 Fricke 2013: 58.

18 Rancour-Laferriere 2018: 105.

19 Anon 1853: 233-234.

Na sua obra de restauração do canto gregoriano, Prosper Guéranger inclui-lo-ia no Sábado da Semana Santa:

En ce jour du Samedi, lisons à la louange de Marie affligée cette touchante Séquence que l'on trouve dans les livres d'Heures du xvi siècle, et dans laquelle l'hommage rendu à la sainte Croix s'unit à celui que le chrétien rend à la Mère des douleurs (Guéranger 1911: 230).

A notação musical foi publicada pela abadia de Solesmes em 1902²⁰. São estes os versos relevantes para este estudo, com o texto de Guéranger²¹:

*Fructus per quem vivitur
Pendet, sicut creditur,
Virginis ad ubera.*

O fruto que dá a vida
está, como acreditamos, pendurado
ao peito da Virgem [mamando].

Et ad Crucem iterum, [...]

E foi depois pendurado na cruz [...]

*Hic Virgo puerpera,
Hic Crux salutifera:
Ambo ligna mystica.*

Tanto a Virgem parturiente,
Como a Cruz salvadora,
Ambos são lenhos místicos.

151

*Positus in medio,
Quo me vertam nescio.*

Colocado entre os dois,
Não sei qual deles escolher.

*In hoc dulci dubio
Dulcis est collatio.*

E nesta doce dúvida,
É doce compará-los.

*Hic adhaerens pectori,
Pascitur ab ubere.*

Aqui, agarrando-se ao peito dela,
Ele alimenta-se dos úberes.

*Hic affixus arbori,
Pascit nos ex vulnere.*

Ali, pregado ao madeiro
Ele alimenta-nos com as suas feridas.

²⁰ Solesmes 1902.

²¹ Guéranger 1911: 230-231.

*Crux ministrat pabula,
Fructu nos reficiens.*

A Cruz serve-nos o alimento,
curando-nos com o seu fruto:

*Mater est praeambula,
Fructum nobis nutriens.*

A Mãe o precedeu,
Ao nutrir para nós este fruto.

O hino combina harmoniosamente os temas da Virgem lactante e da Virgem parturiente com o da ingestão do sangue do Filho, podendo ser a fonte comum do vilancete e da elegia pascal de Camões.

O louvor da Cruz como árvore da vida era um tema favorito da iconografia franciscana: “Dalla croce-albero derivano senza dubbio, in ambito francescano, nella scia del *Lignum vitae* di Bonaventura (intorno al 1260), gli alberi della croce”²². Em *Lignum vitae quaerimus*, Maria é vista também como a outra árvore da vida, a par da Cruz. Ela foi a árvore que deu como fruto o Salvador, e é louvada tal como o santo lenho que frutificou na salvação: “Already, it is clear that there is not a single Tree of Life, but two”²³.

152

Nas *Endechas à Virgem soberana*, de Diogo Bernardes²⁴, há uma profusão de metáforas arbóreas para a Virgem, a par das florais: “Sois Cedro em Libano / Em Cades sois palma (vv. 17-18), Platano em ribeira / Em campo fermoso / Fermosa oliueira” (vv. 22-24). Note-se ainda o paralelo entre o primeiro verso do vilancete de Camões “Duas grandes maravilhas” e esta estrofe da composição de Bernardes, “De tal maravilha / Não me maravilho, / Pois sois mãe, & filha / De Deos vosso filho” (vv. 9-12).

Num soneto de atribuição credível a Camões, afirma-se que a Cruz é “fonte viua de liquor preçioso”²⁵.

São estas as alusões aos versos do hino *Lignum vitae quaerimus* no vilancete *Duas grandes maravilhas / Vede se Vio Creatura*:

22 Ulianich 2007: 63.

23 Rancour-Laferriere 2018: 107.

24 Bernardes 1594: 34v-35v.

25 Borges 1979: 23v.

Hic Virgo puerpera,

Pascitur ab ubere.

Pascit nos ex vulnere.

Crux ministrat pabula,

Poeis Virgem paristes Vos (v. 8).

daÿ do peito leite... (vv. 10, 18).

Co seu nos da sangue a nos (v. 11).

elle cõ o sangue na crus (v. 15).

A LACTAÇÃO DOS SANTOS

A par destes dois motivos originou-se o da ingestão do leite da Virgem, em paralelo ou complemento à do sangue do Filho. Esta narrativa foi inicialmente associada a

[...] São Bernardo de Claraval, de cuja lenda faz parte o ter bebido o leite da Virgem, quer diretamente do seio, quer por um fio de leite que corre da teta (usando a palavra de Camões) para a boca, como é reproduzido em inúmeras pinturas a partir da Idade Média, quando surge a lenda (Júdice 2022: 7).

153

Não se sabe como este tema iconográfico se teria originado, ou não se identificou ainda a fonte dele, mas mesmo que os primeiros testemunhos hoje disponíveis sejam “pictorial representations, these would only have been understood by those who knew the story that lay behind them, and they most likely depended on a literary tradition”²⁶. O caso de Bernardo foi o mais célebre, ainda que houvesse notícia de outras ocorrências de místicos que bebiam o leite da Virgem a partir de estátuas ou de aparições: “There are many other cases of mystics, both men and women, receiving milk either produced by their own bodies (through God’s grace) or by being fed on it”²⁷.

²⁶ France 2011: 329.

²⁷ Draghici-Vasilescu 2018: 40.

O recurso retórico do *dubito*, ou “eu hesito”, entre a oferta da Mãe e a do Filho, já presente no *Lignum vitae quaerimus*, viria a ser incorporado neste episódio.

A par da atribuição a Bernardo, a representação pictórica do *dubito* passou a ser crescentemente associada a Agostinho de Hipona, com a representação mais antiga hoje conhecida sendo “un’incisione databile all’ultimo quarto del XV secolo, la cui unica impressione rintracciata è conservata nella Biblioteca Palatina di Parma”²⁸. Para o padre Valderrama a atribuição a Agostinho estava amplamente consagrada, pois refere-a não menos do que quatro vezes²⁹. Mas Jean Pien expressou dúvidas quanto à duplicação das atribuições a Bernardo e a Agostinho, optando por creditar aquelas palavras ao hiponense:

Em <Antonius> Hiepius li, e é também aceite pela tradição, que Cristo apareceu a Bernardo com a sua mãe; e com o santo no meio, como que competindo, ofereceram-lhe juntos sangue e leite, o sangue como remanescente da ferida de Cristo, o leite proveniente do seio da Virgem, ambos celestes, ambos irradiando e fecundando a boca de Bernardo.

Então, de facto, o santo, estimado por ambos, e igualmente não se sentindo iludido por nenhum deles, irrompeu finalmente naquelas palavras comumente atribuídas a Agostinho: *Aqui me alimento da ferida: aqui me amamento do peito. Colocado no meio, não sei para onde me virar.*

Mas isso, creio eu, está mais ligado à devoção de mentes piedosas do que à verdade da questão ou a um acontecimento paralelo: e não vejo qualquer conhecimento desta tradição em nenhum outro autor comprovado [...] (Pien 1739: 208).

Tanto a adscrição do *motto* ao abade de Claraval, como a mais difundida ao bispo de Hipona, acharam fortuna na pintura europeia,

28 Pittiglio 2015: 16.

29 Valderrama 1612: Prol. II, 103, 123, 338.

com destaque para a flamenga e a espanhola. Há representações da lactação de Bernardo pela Virgem, ainda sem as palavras do *dictum*, desde o século XIII:

With regard to his vision, it was of a statue in which Mary issued milk from her breast in order to heal an eye ailment Bernard suffered from. In other variants of the account concerning this mystical happening, the saint knelt down in front of such a statue and asked the Virgin, “Show yourself to be a mother!” Afterwards, while he was in prayer or in a dream, she responded by pressing her breast and nourishing him with her milk. The story went across Europe and was iconographically represented in various periods especially in Spain and Belgium. In the former country that happened as early as 1290 through the hands of the Master of La Palma (Draghici-Vasilescu 2016: 9).

E Agostinho aparece com estes dizeres pelo menos desde c.1508:

155

...una pintura del boloñés Francesco Raiboldini [i. e. Raibolini], conocido asimismo como Francesco Francia (1451-1517). A este maestro se debe el magnífico cuadro dedicado a la figura de Sant’Agostino fra il sangue di Cristo e il latte della Vergine [...] En las filacterias que rodean la figura del santo puede leerse una versión ampliada del dictum: “Hinc ab ubere lactator, hinc a vulnere pascor. Positus in medio quo me vertam nescio, dicam ergo: Jesu, Maria, miserere” (Ponce 2014: 178-179).

A representação de Agostinho como protagonista do dilema inspirou, entre outros, pintores da craveira de El Greco, Rubens e Murillo³⁰.

30 Ponce 2014: 183, 185, 189.

Agostinho, tido como o santo da hesitação, inspirou os espíritos dilacerados pela indecisão, e este *dictum*, legítimo ou não, servia à perfeição como expressão sintética e retórica desse “não saber para onde me voltar”, que viria a encontrar eco em Petrarca. Mas Camões não tomou esse caminho nem no vilancete nem na elegia pascal, e mesmo partindo de Agostinho optou resolutamente por um registo devocional no primeiro, e parenético na segunda.

A PROPÓSITO DE AGOSTINHO: CAMÕES E A CIDADE DE DEUS

Foi em 1668 que Agostinho de Hipona surgiu duplamente associado à obra de Camões. Na edição da terceira parte das Rimas por D. Alvarez da Cunha, na rubrica de uma elegia em acróstico *Juízo extremo, horrífico, e tremendo*, o original desta versão, feita a partir do latim, era assim identificado: “Tradução dos Versos Propheticos da Sibilla Erithrea, que refere Santo Agostinho [no] l[ivro] 18 c[apítulo] 23 da Cidade de Deos, nos quaes pellas primeiras letras se lem Iesu Christo Filho de Deos, & Salvador”³¹.

Agostinho apresentara no *De Ciuitate Dei* uma versão latina das palavras gregas da Sibila na qual o acróstico resultava defeituoso, circunstância em que ele se deteve pormenorizadamente³². E Camões optou por recriar essas mesmas dificuldades que o tradutor latino experimentara com a letra grega Y do acróstico nos vv. 5, 18, 19. Para o efeito supôs um estorvo, que lhe seria facilmente contornável, agora com a letra portuguesa H, originando assim desacertos nos vv. 6, 15, 28, exatamente o mesmo número dos três versos problemáticos da versão recolhida por Agostinho.

31 Camões 1668: 40-41.

32 Agostinho 1955-II: 613-614.

Se o poeta comprovava desta forma o seu rigor e virtuosismo, e talvez agudeza e sentido de humor, os editores contemporâneos, inscientes de tais subtilezas e convencidos de que Camões não comporia um acróstico defeituoso, talvez por não terem compulsado o modelo latino do *De Ciuitate Dei*, terão tomado por um vício formal o que era uma engenhosa recriação, descartando como espúrios estes tercetos que têm uma atribuição positiva ao poeta, e nenhuma outra foi encontrada até hoje a contrariá-la.

A segunda instância em que nesse ano foi estabelecida a ligação entre Camões e Agostinho foi na *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho* pelo cónego Dom Nicolau de Santa Maria, que no volume II evoca a vida de Dom Bento de Camões, tio paterno do poeta e Prior-Geral do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, cidade onde residia a família de Camões³³.

Embora Santa Maria nada dissesse sobre a educação do jovem Luís no mosteiro, legitimamente se inferiria que, estando aquele religioso à frente dos destinos, quer dos agostinhos de Coimbra, quer da universidade recém-transferida para aquela cidade em 1537 (ambos os mandatos vitalícios, desde 1539 até ao falecimento de Dom Bento em 1547), o tio teria tomado a seu cargo a educação humanista e espiritual do sobrinho, muito provavelmente destinando-o aos estudos de teologia e à vida eclesiástica, talvez mesmo putativo herdeiro do trono prioral, algo comum entre tios e sobrinhos. Porém, Luís entenderia a seu tempo não ser esse o melhor emprego a dar aos ubérrimos talentos que possuía, rumando à corte, em Lisboa, provavelmente em torno a 1543, com os dezoito anos completos.

Tal circunstância explicaria não só a vasta cultura humanista que o poeta adquiriu, como igualmente a sólida componente religiosa de acentuado pendor agostiniano, de que ele viria também a dar concludentes provas.

33 Santa Maria 1668: 289-290.

O AGOSTINISMO DE CAMÕES

Numa conferência sobre *Camões Poeta da Fé* proferida em 1924 na Universidade de Coimbra por ocasião do quarto centenário do nascimento de Camões, Mendes dos Remédios interrogava-se quanto ao descaso a que até ali tinha sido votada a poesia sacra de Camões: “Porque não terá sido posta até hoje no destaque merecido esta faceta do talento Camoniano?”³⁴.

Quase como resposta, saía em 1926, dois anos após a publicação da conferência de Remédios, uma obra que viria a abrir aqueles caminhos: *Camões e o platonismo* de Miranda de Andrade, estudo que se conta entre os primeiros trabalhos sobre Camões apresentados a concurso para provas académicas em Portugal. Sob a influência de Leonardo Coimbra e dos mestres da Faculdade de Letras do Porto, a quem o autor dedica esta tese de licenciatura, Andrade afirmava propor pela primeira vez nos estudos camonianos que o agostinismo fora uma das vias de acesso ao platonismo pelo poeta³⁵. Salientando o pioneirismo desta indagação, “Não nos consta que alguém tivesse já abordado o assunto da hipótese que vamos expor”³⁶, Andrade modalizava que “Não nos persuadimos, todavia, que fôsse a obra de Santo Agostinho a única fonte do platonismo do poeta”³⁷, admitindo igualmente a via petrarquista: “Dessa forma, por mais duma vez os belos espíritos de Camões e de Petrarca se encontraram: – não só na imitação superior duma arte poética, mas também nas próprias fontes de pensamento e objecto de estudo”³⁸.

Para argumentar a tese da via agostiniana para o platonismo, Andrade regressou à leitura por Camões do *De Ciuitate Dei* documentada

34 Remédios 1924: 3.

35 Andrade 1926: 66-77.

36 Andrade 1926: 66.

37 Andrade 1926: 77.

38 Andrade 1926: 70.

no acróstico *Juízo extremo, horrífico, e tremendo*, do qual apresenta a versão castelhana de Antonio de Roys y Roças de 1626, na verdade de 1614, com uma versão latina mais corrompida³⁹. Mas, a propósito da composição de Camões inspirada no salmo *Super flumina Babylonis*⁴⁰ e conhecida como *Sobre os rios que vão*⁴¹, é surpreendente que Andrade não refira o agostinismo que ressuma destas redondilhas, nomeadamente quanto à doutrina da pátria celeste⁴². Tal presença ficaria para António José Saraiva assinalar, afirmando em 1959 que “O pensamento que efectivamente domina estas redondilhas não é o de Platão, mas o de Santo Agostinho, e o platonismo de Camões nestas redondilhas não vai, todavia, além do de Santo Agostinho”⁴³. A restrição “nestas redondilhas” salvaguarda as instâncias de platonismo não intermediadas pela obra do hiponense em outras composições de Camões: confira-se, i.a., o uso da expressão “materna sepultura”⁴⁴.

Andrade convoca ainda uma passagem da epístola *A dom Antonio de Noronha, sobre o Desconcerto do mundo*⁴⁵, e refere-se mais detidamente à *Elegia à Paixam de Christo N. Senhor*⁴⁶, além das oitavas a Santa Úrsula, *D’ũa fermosa virgem e esposada*, estas, porém reivindicadas por Diogo Bernardes, que as publicou como sendo dele em *Varias Rimas ao Bom Iesus...*⁴⁷.

159

39 Roys 1614: 560-561.

40 Com o número 136 na *Septuaginta* e na *Vulgata*, o cântico conheceu ampla fortuna na literatura portuguesa, veja-se Rodrigues 1985: 241, n. 2.

41 Camões 1595: 135r-139r. com copiosa bibliografia em Rodrigues 1985: 242, n. 8.

42 Andrade 1926: 91.

43 Saraiva 2024: 128, 129.

44 Saavedra 2025b: 41.

45 Camões 1595: 60v-65r.

46 Camões 1616: 11r-14v. Apenas quando contribuem positivamente para o esclarecimento do conteúdo e circunstâncias das composições, optou-se pela referência não pelo *incipit*, como é regra geral, mas pelos títulos que constam nas rubricas, que aliás lhes podem ter sido atribuídos pelo poeta.

47 Uma atribuição controversa, dado o próprio Bernardes admitir que os versos corriam manuscritos sob o nome de outro autor (Bernardes 1594: 58). João Franco Bar-

CAMÕES SALMISTA

Miranda de Andrade publicaria mais tarde umas *Notas camonianas*, nas quais regressava à relação entre ‘Camões e Santo Agostinho’⁴⁸, e onde era lembrada a tentativa de tradução dos salmos penitenciais por Camões, mencionada por Pedro de Mariz:

Mas tam pobre sempre, ã pedindolhe Ruy Diaz da Camara, fidalgo bem conhecido, lhe traduzisse em verso os Psalmos Penitenciaes: & não acabando de o fazer, por mais que para isso o estimulaua, se foy a elle o fidalgo, & perguntandolhe queyxoso, porque lhe não acabaua de fazer o que lhe prometera hauia tanto tempo, sendo tam grande Poeta, & que tinha composto tam famoso Poema: elle lhe respondeo [...] que agora não tinha espirito nem contentamento para nada: Porque aly estaua o seu Ião, que lhe pedia duas moedas para caruão, & elle as não tinha para lhas dar (Mariz [s/f], apud Camões 1613).

160

Embora não seja possível saber se Camões chegou a terminar esta tradução dos salmos, eles haviam merecido a particular preferência de Agostinho, que os escolhera para com eles se despedir da vida terrena:

Quod et ipse fecit ultima, qua defunctus est, aegritudine; nam sibi iusserat psalmos Daviticos, qui sunt paucissimi, de paenitentia scribi, ipsosque quaterniones iacens in lecto contra parietem positos diebus suae infirmitatis intuebatur et legebat, et ubertim ac iugiter flebat (Possidius 1975, 236 [31.2]).

reto menciona as dúvidas de “muitos” (Bernardes 2008: 131, n. 77), e tanto Faria e Sousa (Camões 1688: 134-158) como Juromenha (Camões 1861: 319-338) incluíram as oitavas nas respetivas edições da obra de Camões. Maria de Lourdes Saraiva voltou a atribuir a Camões a autoria de “D’ũa fermosa virgem e esposada” (Camões 2002: 11-12).

48 Andrade 1980: 5-7.

Assim procedeu ele durante a sua última e mortal doença, pois havia ordenado que lhe copiássemos os pouquíssimos salmos penitenciais davídicos, e deitado na cama durante os dias da sua doença olhava e lia esses versos pregados na parede, chorando profusa e continuamente.

Com este testemunho sobre a tentativa de tradução dos salmos penitenciais por Camões, Andrade reforçava a atribuição ao poeta da tradução para português dos versos latinos da Sibila, *Juízo extremo, horrífico, e tremendo*. Ao mesmo tempo saía valorizado o perfil de Camões como tradutor: pródigo em traduzir versos de Petrarca para os engastar em composições próprias, teria mesmo, de acordo com Juromenha, sido o autor de uma versão portuguesa, conservada sem indicação de autoria, dos *Triunfos* de Petrarca, enriquecida com um comentário erudito⁴⁹.

As palavras do padre Mariz não significam que a “tradução” em verso português dos salmos penitenciais encomendada a Camões por Ruy Diaz da Câmara fosse uma versão para o vernáculo daqueles sete textos da *Vulgata*. Um género literário então florescente consistia na livre recriação de salmos, e fora já cultivado por Dante ao compor em tercetos toscanos *I Sette salmi penitenziali*⁵⁰, e por Petrarca em prosa poética latina nos seus *Psalmi poenitentiales*⁵¹.

Na literatura religiosa de autores portugueses conhecem-se uns salmos latinos com o título *Psalmi confessionales*, encontrados no espólio do Prior do Crato e publicados em 1595 em Paris⁵². Segundo José Adriano de Carvalho, foram compostos por Frei Diogo Carlos OFM, primo coirmão do pretendente⁵³, e constituem uma das “raras meditações penitenciais escritas por um português nos fins do século XVI”⁵⁴, onde “alguma

161

49 Camões 1866: 5-215.

50 Esta autoria viria mais tarde a ser debatida.

51 Alighieri & Petrarca: 1827.

52 [Carlos] 1595.

53 Carvalho 1995: 81.

54 Carvalho 1995: 68.

reminiscência de Santo Agostinho chega-lhe através de Petrarca”⁵⁵. Rara talvez, mas não única, pois há notícia de mais versões⁵⁶.

Como foi já referido, Camões recriou o salmo exílico *super flumina Babylonis*⁵⁷, de ampla fortuna na poesia europeia⁵⁸, como *Sobre os rios que vão*. Transformou-o num cântico à nostalgia da pátria terrena, trasmutada na palinódia em saudades da pátria celeste, em termos agostinianos⁵⁹.

Mário Martins propôs em 1951 a tese da influência da suma *breviarium in psalterium*, atribuída a Jerónimo e publicada por Migne em 1884⁶⁰, sobre este salmo de Camões⁶¹. A sugestão tem obtido acolhimento desde então, mas não resiste a um exame sério.

O escrito do padre Martins suscita perplexidade desde logo por nunca se referir a Agostinho. A teoria da reminiscência, exposta por Camões nos vv. 201-225 do seu salmo, mistura proposições platônicas com agostinianas, fazendo de Deus a sede e o lugar das Ideias, o que está muito longe de ser, como pretende Martins, um “platonismo rigoroso”⁶². Cabe lembrar que Agostinho adota o termo “reminiscência” para expor a própria doutrina e refutar os conceitos platônicos, por exemplo no *De Trinitate*.

Martins desinterpreta o *breviarium* ao confundir a queda adâmica com outra queda, a das almas no mundo e na carne. No *breviarium* diz-se que “embora tivéssemos caído do paraíso, por nossa culpa, recordamo-nos, contudo, da antiga felicidade”. E Martins tresleu: “a nossa alma existia noutro mundo e, por causa dum pecado, caiu ou foi desterrada

55 Carvalho 1995: 94.

56 Carvalho 1995: 69.

57 Camões 1595: 135r-139r.

58 Martins 1951: 5-7.

59 No escopo do presente artigo cabe apenas mencionar a existência de um encorpado debate contemporâneo em torno deste salmo de Camões, e mais especificamente do trecho palinódico, para o qual se contribuirá futuramente.

60 Jerónimo 1884.

61 Martins 1951.

62 Martins 1951: 8.

para este”⁶³. Esta proposição não está sustentada naquele tratado, como Martins pretende: o estatuto pós-adâmico da humanidade decaída, segundo o Génesis, não guarda relação com a migração das almas pré-incarnadas para o mundo. É a esta outra descida que Camões se refere: Não he logo a saudade / das terras onde nasceo / a carne, mas he de cêo, /, daquella santa cidade, / donde esta alma descendeo (vv. 211-215)⁶⁴. Não há aqui, portanto, qualquer leitura do *breviarium*.

Martins reconhece mesmo que a teoria da reminiscência inexistente no *breviarium*⁶⁵, o que bastaria para comprometer a sua tese da influência daquele escrito sobre Camões. Mas após proceder a algumas aproximações circunstanciais entre o salmo camoniano e o comentário do *breviarium*, insiste na “influência directa do pseudo-Jerónimo”, logo em seguida por ele classificada, afinal, como “diluída, vagamente, nos versos das redondilhas”, concedendo mesmo que “É mais uma atmosfera do que coisa concreta e palpável”⁶⁶. De facto assim é: as várias coincidências que Martins aponta, e amplifica generosamente, entre o salmo de Camões e o *breviarium*, são fruto da circunstância de que ambos, Camões e o comentarista, glosam a mesma fonte bíblica, sem que elas comprovem a tese que ele defende. Seriam um preliminar para o único argumento real de que Martins dispunha: a reinterpretação por Camões do muito questionável v. 9 do salmo hebraico, onde com felicidade retórica aqueles “pequenos” que haveria que esmagar contra as rochas passam a ser as tentações nascentes, transformando-se a שֶׁחַל [seh'-lah] na “pedra do furor”, ou metáfora de Cristo, a “pedra que veo a ser” a cabeça da Igreja. Igreja essa a que o poeta chama “canto”, ou pedra angular: “Quem com elles logo der / na pedra do furor santo, / & batendo os desfizer, / na

63 Martins 1951: 10.

64 Camões 1595: 137v.

65 Martins 1951: 11.

66 Martins 1951: 12 e 13.

pedra que veo a ser / emfim cabeça do canto”⁶⁷. A imagem é vagamente inspirada no salmo 117:22 (*Lapidem quem reprobaverunt ædificantes, hic factus est in caput anguli*) e usada em I Pedro II, Efésios II, 20-22, e Atos 4:11⁶⁸.

Como para Martins faltaria a Camões o fulgor teológico e poético para chegar por si só a esta leitura alegórica da imprecação hebraica, ela teria de ser haurida do *breviarium in psalterium*, onde se afirma que *Beatus ergo est qui statim abscidit* [cogitationes], *et allidit ad petram*. ‘*Petra autem est Christus*’⁶⁹, ou seja, “Bem-aventurado, pois, aquele que imediatamente os atalha [os maus pensamentos], e os lança à rocha. ‘E a rocha é Cristo’”.

Porém, a fonte de Camões como muito mais probabilidade se encontra nas *Enarrationes in Psalmos*⁷⁰ de Agostinho. É aí que, chegado ao verso 9 do salmo 136, o pregador de Hipona questiona:

Qui sunt paruuli Babyloniae ? Nascentes malae cupiditates. [...] Sed times ne elisa non moriatur; ad petram elide.”Petra autem erat Christus” [I Coríntios 10:4]⁷¹.

O que são os pequenos da Babilónia? São as inclinações perversas que te nascem. [...] Mas tu receias que, esmagando-as, ainda assim elas não pereçam; esmaga-as então contra a rocha. ‘E a rocha era Cristo’.

67 Camões 1595: 139[138]v. Faria e Sousa chamou a atenção para este termo “canto”, relacionado com o ofício de canteiro e a arte da cantaria: “Canto aqui no solo quiere dezir piedra, mas aun piedra grande”, Camões 1688: 135; cf. Camões 1685: 354-355. Outro exemplo de preciosismo latinista de Camões é usar “poto” para bebida, cf. Camões 1616: 13v.

68 Cf. Rodrigues 1985: 265-266.

69 Jerónimo 1884: 1306.

70 Como bem colocou Rodrigues, que elaborou um sumário desta obra sem se ocupar da questão aqui em análise referente ao tratamento do v. 9 por Camões: “Mas o trecho da Patrística que, a nosso ver, mais influenciou Camões foi a *Enarratio in Psalmos* de S. Agostinho no respeitante ao Salmo 136 [...]. Ao lermos o que escreveu o bispo de Hipona, logo nos apercebemos de muitos pontos de contacto entre Camões e o seu comentário ao referido Salmo, que, por sua vez, contém muitos elementos que também encontramos na sua obra *A Cidade de Deus*”, Rodrigues 1985: 252.

71 Agostinho 1956: 1978.

O influxo do *breviarium* seria insólito e é, em todo o caso, irrelevante para explicar as opções teológicas e poéticas de Camões. Já a presença em *Sobre os rios que vão* dos *Comentários aos Salmos* do hierarca africano documentará mais uma inspiração agostiniana em Camões.

É por essa mesma razão que também a hipótese de Abel Araújo⁷², defendida com mais felicidade, de se fazer remontar a fonte da passagem de Camões à leitura da epístola XXII de Jerónimo *ad Eustochium, Paulae filiam*, deverá ser preterida.

Jerónimo foi contemporâneo e correspondente de Agostinho, e uns dez anos mais idoso do que o africano. Esta carta documenta a mesma releitura alegórica do v. 9 do salmo 136 adotada por Camões e veiculada por Agostinho nas *enarrationes*. Poderá ter sido a fonte do *breviarium* de Jerónimo, ou a ele atribuído:

Nolo sinas cogitationes crescere. Nihil in te Babylonium, nihil confusionis adolescat. Dum parvus est hostis, interfice: nequitia, ne zizania crescant, elidatur in semine. Audi Psalmistam dicentem: «Filia Babylonis misera, beatus qui retribuet tibi retributionem tuam quam retribuisti nobis. Beatus qui tenebit, et allidet parvulos tuos ad Petram» [Ps. 136. 8]. Quia enim impossibile est in sensum hominis non irruere innatum medullarum calorem, ille laudatur, ille praedicatur beatus, qui ut coeperit cogitare sordida, statim interficit cogitatus, et allidit ad petram: *petra autem Christus est* [1. Cor. 104].

165

Na tradução de Araújo:

Nada de Babilónia, nada da confusão se eleve em ti. Mata o inimigo enquanto é fraco; seja a malícia sufocada em germen para não deixar crescer o joio. Ouve o Salmista que diz: «Mal-aventurada filha de Babilónia, feliz quem te pagar a tua paga! — Feliz quem agarrar nas tuas crianças e as despedaçar, batendo-as contra a pedra! Mas

72 Araújo 1946: 120-121.

porque é impossível que o calor inato da medula deixe de assaltar os sentidos do homem, louve-se, proclame-se feliz aquele que, mal principia a ter pensamentos impuros, logo os desfaz batendo-os contra a pedra; «a pedra, porém, é Cristo» (Araújo 1946: 120-121).

O argumento do *nihil confusionis* citado por Araújo em favor de Jerónimo não é concludente: que o nome Babilónia significa “confusão” também se lê no comentário de Agostinho ao salmo 64⁷³.

Independentemente de se poder determinar a autoria da leitura cristianizada e alegórica do v. 9 do salmo 136, que poderia ser corrente entre os teólogos, tem mais peso para a identificação da fonte de Camões o comprovado e múltiplo influxo de Agostinho. Seabra Pereira, que historiou a descoberta do agostinismo de Camões nos estudos do século XX⁷⁴, sugeriu que, mais do que as circunstâncias biográficas da educação do jovem entre os cónegos regantes, fora a intermediação petrarquista a causa do influxo de Agostinho em Camões, e procurou “estabelecer a profunda afinidade, primeiro, e a interferência, depois, dos agónicos trajectos (vida e obra) de Petrarca, do seu *pater* Santo Agostinho e do seu discípulo Camões”⁷⁵.

Pereira apontou para um empréstimo adicional do *De Ciuitate Dei*, especificamente do livro VIII, na *Elegia à Paixam de Christo N. Senhor*⁷⁶, onde Camões contrapõe a conceção da criação cristã *per verbum*, “...só do pensamento casto e puro” (v. 45) — uma elegante formulação do *logos* joânico⁷⁷ — às cosmogonias de Hesíodo (caos), de Epicuro (átomos), e de Tales (águas). Estes dois últimos filósofos haviam sido invocados no

73 Agostinho 1956: 823.

74 Pereira 1984a.

75 Pereira 1984a: 441.

76 Pereira 1984b: 334-335.

77 João: 1-3: “1. No princípio era o pensamento, e o pensamento estava com Deus, e Deus era o pensamento. 2. Ele [o pensamento] estava no princípio junto de Deus. 3. Tudo dele derivou, e sem ele nada foi feito daquilo que existe”.

mesmo contexto naquela obra de Agostinho: *Thales in umore*, [...] *Epicurus in atomis, hoc est minutissimis corpusculis*⁷⁸, que Camões traduz como “Não dos Átomos falsos de Epicuro / Não do largo Oceano como Tales,” (vv. 43-44)⁷⁹. Note-se em ambas as referências a preferência por Epicuro quanto ao postulado da teoria dos átomos, em desabono de Demócrito.

A SÍNTESE DO LEITE, SANGUE E CRUZ NO VILANCETE

A exortação à *Virgo lactans* para que desse o leite dela ao Filho, a fim de este poder salvar a humanidade, derivaria de representações pictóricas e de obras musicais como as que foram referidas, ou de outras nelas filiadas, com as quais o poeta estaria familiarizado. Se há ecos do *Lignum vitae quaerimus* no vilancete, como já foi destacado, inexistem nele os da posteridade do *dubito* na iconografia bernardiana e agostiniana, pois, ao contrário de Agostinho, no vilancete o orante não formula a dúvida retórica, e não sopesa as duas ofertas de leite e de sangue que lhe são feitas, nem pede ou deseja uma gota do virgíneo licor.

Mas a temática da ingestão do sangue presente no hino *Lignum vitae quaerimus*, bem como as palavras do *dictum* de Agostinho, eram conhecidas de Camões, que as vai glosar na *Elegia à Paixam de Christo N. Senhor*:

Lignum vitae quaerimus (LV) e o dictum de Agostinho (DA)

Pascit nos ex vulnere (LV)

hinc a vulnere pascor (DA)

Jesu, Maria, miserere (DA)

Elegia à Paixam de Christo N. Senhor

Para o mesmo Adão [a humanidade],
que ally bebia
Na fonte [de sangue], que do peito lhe
manaua. (vv. 158-159)

E respondão os Ceos, IESVS MARIA.
(v. 193)

⁷⁸ Agostinho 1955-I: 222.

⁷⁹ Camões 1616: 11v.

A elegia e o vilancete dialogam entre si: se bem que nos vv. 148-153 da elegia, onde se refere o leite da Virgem, o orante não solicite uma gota desse leite para si próprio, pois apenas pede à Mãe que aleite o Filho com o “liquor suaue, & claro”, replica ali o motivo que está também explícito no vilancete, “daý do peito leite a quem / cõ sangue nos salua a nos” (vv. 18-19). Pede o enunciante igualmente que acorra “A dar tetas puras ao cordeiro” (v. 152). Nos vv. 158-168, onde se passa ao louvor do sangue de Cristo, o “liquor salutifero” (v. 166), é formulado um segundo pedido, também este dirigido à Mãe, para que seja concedida ao orante uma gota do precioso sangue, pedido este que se encontra *in nuce* nos versos do vilancete.

Camões faz desta passagem da elegia um aditamento mariânico, uma vez que o sangue não é pedido pelo enunciante diretamente a Cristo, mas indiretamente, por via da intercessão da Virgem sua Mãe: “D’essa fonte sagrada, e peito santo [de Cristo vosso Filho] / Me alcançai hũa gota [de sangue], com que laue / A culpa, que me agraua,⁸⁰ & pesa tanto.” (vv. 163-165). “Do liquor salutifero, & suave / Me abrangey, com que mate a sede dura / D’este mundo tão cego, torpe, & graue.” (vv. 166-168). O poeta propugna nestes versos não apenas o sentido literal da Eucaristia à luz do dogma católico da transubstanciação, como já foi referido, mas invoca igualmente a intercessão de Maria para a salvação do pecador. Maria é a “terceira”, ou seja, a intermediária da redenção: “Da humana Redempção nasce a Terceira” (v. 5), tal como é saudada por Camões num soneto dedicado à natividade de Maria, *Apona a bella Aurora, Luz primeira*⁸¹.

No vilancete *Si puede el hombre a dios comer*, de Dom Pedro de Cristo (c.1551-1618), composto no mesmo Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra onde Camões estudou, também se encontra uma formulação literal da Eucaristia⁸².

80 Por lapso imprimiu-se “agrauar”.

81 Camões 1685: 344-345.

82 Vieira 2013: 81.

Outra referência bíblica de Camões ao sangue eucarístico está na *Elegia de sexta fe[rri]a Dendoenças*, vv. 319-321, que ecoa a fortuna do tema do cálice da Última Ceia, usado para recolher o sangue de Cristo, motivo que conheceria grande voga nas narrativas do Santo Graal da Idade Média: “Outros [anjos] [a]parecem antre todos estes / com calices do novo testamento / tomando as gotas de liquor celestes,”⁸³. A expressão que Camões usa de “novo testamento” provém dos sinóticos na versão da Vulgata – em *Mateus* 26:28: *Hic est enim sanguis meus noui testamenti, qui pro multis effundetur in remissionem peccatorum*⁸⁴; em *Marcos* 14:24: *Hic est sanguis meus noui testamenti, qui pro multis effundetur*⁸⁵; e em *Lucas* 22:20: *Hic est calix novum testamentum in sanguine meo, qui pro vobis fundetur*⁸⁶.

Os vilancetes eram maioritariamente destinados às celebrações cultuais da Natividade e do Corpus Christi. As alusões ao parto da Virgem e ao aleitamento de Jesus, presentes em *Duas grandes marauilhas / Vede se Vio Creatura*, seriam apropriadas para as primeiras festividades, e a referência ao sangue de Cristo aponta para o uso nas segundas.

169

ESTILEMAS DO VILANCETE EM OUTRAS OBRAS DE CAMÕES

A autoria do vilancete por Camões, afirmada no manuscrito BA 51-II-42 da Real Biblioteca da Ajuda, pode assim ser confirmada com os paralelos que o texto apresenta com os versos da *Elegia à Paixão de Christo N. Senhor*, onde o poeta também glosou o tema da lactação:

83 Camões 1589: 66v.

84 Vulgata 1544: 494.

85 Vulgata 1544: 504.

86 Vulgata 1544: 520.

***Duas grandes maravilhas /
Vede se Vio Creatura****Poeis Virgem paristes Vos (v. 8)**day do peito leite (v. 10)**cô sangue nos salua a nos (v.19)**day do peito leite a quem
cô sangue nos salua a nos (vv.
18-19)****Elegia à Paixam de Christo N. Senhor****[...] ao filho, que paristes? (v. 147)**Não era este o liquor suaue, & claro,
Que para o confortar, então darieis
A quem vos era, mais que a vida, charo.
Como? Virgem Senhora, não corrieis
A dar tetas puras ao cordeiro
que padecer na cruz com sede vieis?
(vv. 148-153)**Quem vira [a Virgem] quando [ela] o claro rosto
ergueo
A ver o Filho, que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeu: (vv. 139-141)**Não sò era esse [leite], Senhora, o verdadeiro
Poto, que vosso filho desejava,
Morrendo polo mundo n'hum madeiro.
Mas [era também] a saluação, que ally ganhaua
Para o mismo Adão, que ally bebia
Na fonte, que do peito lhe manaua. (vv. 154-159)*

170

Outros estilemas do vilancete *Duas grandes maravilhas / Vede se Vio Creatura* permitem estabelecer paralelos adicionais com mais composições poéticas de Camões:

*espantão os Ceos (v. 2)**o mundo espantão, Camões 1595: 26v.**tal caso (v. 5)**em tal caso, Camões 1668: 106.**que tal caso, Camões 1861: 246.**Virgê pura (v. 7)⁸⁷*

⁸⁷ Agradeço ao parecerista B a lembrança de que a invocação “virgem pura” está presente cinco vezes em Bernardes 1594, e uma vez nas próprias oitavas a Santa Úrsula, disputadas com Camões. A expressão pleonástica aparece também aplicada por Camões em contexto não mariânico como “violento estupro em virgem pura” (OL.X.47.2) e é declinada em outras

virgem pura, Camões 1572: 20v (*OL II.11.4*).

Virgem pura, Camões 1589: 63v.

Virgẽ pura, Camões 1616: 9r.

paristes Vos (v. 8)

que paristes, Camões 1668: 33.

CONCLUSÃO

Como sintetizou Nuno Júdice, ao divulgar a existência deste vilancete:

A questão que ponho é a de que em nenhum outro poeta do século XVI, nem posteriores, o “leite da Virgem” é referido deste modo, e dificilmente os temas que surgem no soneto “Cristo atado à Cruz”, na elegia [*“Elegia à Paixam de Christo N. Senhor”*] e no vilancete, referindo o sangue e o leite como salvação individual, poderiam ter sido escritos por qualquer outro poeta⁸⁸;

171

A autoria por Camões de *Duas grandes maravilhas / Vede se Vio Creatura*, afirmada explicitamente no manuscrito-fonte, é corroborada pelos paralelos temáticos e estilísticos que apresenta com as elegias pascais compostas pelo poeta, sobretudo a *Elegia à Paixam de Christo N. Senhor*, salientando-se a opção pela intercessão mariânica que une estas três composições.

BIBLIOGRAFIA

Agostinho, Aurélio (1955), *Sancti Aurelii Augustini, De civitate Dei*, 2 vols., Turnholti: Typographi Brepols Editores Pontificii, “Aurelii Augustini opera, CORPVS CHRISTIANORVM, Series Latina, XLVII & XLVIII”.

instâncias não tão redundantes, ainda que se mantenha algum sentido virginal, como “Deo-sa pura” (Camões 1668: 16), “Nimpha pura”, (*OL.IX.77.1*), e “Ninfa pura” (Camões 1668: 86).

88 Júdice 2022: 7.

Agostinho, Aurélio (1956), *Sancti Aurelii Augustini enarrationes in psalmos*, CI-CL, Turnholti: Typographi Brepols Editores Pontificii.

Alighieri, Dante, & Francesco Petrarca (1827), *I sette salmi penitenziali*, Firenze: Dalla Societa' Tipografica.

Andrade, Francisco Miranda de (1926), *Camões e o platonismo, um problema de crítica literária*, Tese de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Barcelos: Companhia Editora do Minho.

Andrade, Francisco Miranda de (1980), “Notas camonianas”, *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos* 24: 3-16.

Anon. (1853), *The Ecclesiologist* XIV, Londres: Ecclesiological Late Cambridge Camden Society.

Araújo, Abel de Mendonça Machado de (1946), Luís de Camões, aspectos filosóficos, *Boletim da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*, ano XIII, 5-133.

Bernardes, Diogo (1594), *Varias rimas ao bom Iesus, e a Virgem gloriosa sua may, e a sanctos particulares, com outras mais de honesta & proueitosa lição. Dirigidas ao mesmo Iesus, senhor e salvador nosso*. Por Dioguo Bernardez. Com licença da S. Inquisição. Em Lisboa. Em casa de Simão Lopez, M.D.XCIII.

Bernardes, Diogo (2008), *Várias rimas ao bom Jesus*, ed. de Maria Lucília Gonçalves Pires, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade.

Bolman, Elizabeth (2016), “The enigmatic Coptic Galaktotrophousa and the cult of the Virgin Mary in Egypt”, in AA.VV., *Images of the Mother of God, Perceptions of the Theotokos in Byzantium*, Abingdon, Oxon: Routledge, 13-22.

Borges, Cristóvão, prop. (1979), *The Cancioneiro de Cristovam Borges [1578]*, edition and notes by Arthur Lee-Francis Askins. Braga: Barbosa & Xavier, Lda.

Camões, Luís de (1572), *Os Lusíadas de Luís de Camões, com privilégio real*. Impressos em Lisboa, com licença da sancta Inquisição, & do Ordinario, em casa de Antonio Gonçalves impressor. (OL).

Camões, Luís de (<1580), “Camoeins — Duas grandes marauilhas / Vede se vio creatura”, in AA.VV., *Cartas e Poesias de varios Assumptos* [Códice BA 51-II-42], Lisboa: Real Biblioteca da Ajuda, 16r.

Camões, Luís de (1589), “Elegia de sexta fe[rri]a Dendoenças”, in Luís Franco Correa, *Cancioneiro emque uaõ ob'as dos milhores poetas de meu tempo ainda não empresas e tresladas de papeis da letra dos mesmos que as composeraõ*

comessado na india a 15 de ianeiro de 1557, e acabado em lx. a em 1589 per luis franco correa companheiro em o estado da india e muito amigo de luis de Camoens. [Lisboa,] 61r-66v.

Camões, Luís de (1595), *Rhythmas de Luis de Camoes, Diuididas em cinco partes*. Dirigidas ao muito Illustre senhor D. Gonçalo Coutinho. Impressas com licença do supremo Conselho da geral Inquisição, & Ordinario, em Lisboa, por Manoel de Lyra, Anno de M. D. Lxxxxi, A custa de Esteuão Lopez mercador de libros.

Camões, Luís de (1613), *Os Lusíadas do Grande Luis de Camoens. Principe da Poesia Heroica*. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Eluas. Dedicados ao Doctór D. Rodrigo d'Acunha, Inquisidor Apostolico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandez seu Liureyro. Com licença do S. Officio, Ordinario, y Paço. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1613. Está taxado este liuro em 320 reis em papel.

Camões, Luís de (1616), “Elegia à Paixam de Christo N. Senhor”, in *Rimas de Luis de Camoens segunda parte. Agora nouamente impressas com duas Comedias do Autor. Com dous Epitafios feitos a sua Sepultura, que mandarão fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim Gonçalves da Camara. E hum Prologo em que conta a vida do Author*. Dedicado ao Illustrissimo, & Reuerendissimo senhor D. Rodrigo d'Acunha, Bispo de Portalegre, & do Conselho de sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Na Officina de Pedro Crasbeeck. 1616. A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros. Está taixado a tostão em papel. Com Priuilegio Real, 11r-14v.

Camões, Luís de (1668), *Terceira parte das rimas do principe dos poetas portugueses Luis de Camoens, tiradas de varios manuscriptos muitos da letra do mesmo Autor*, por D. Antonio Alvarez da Cunha offerecidas a soberana alteza do principe Dom Pedro, por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de S. Alteza, & à sua custa impressas. Anno 1668.

Camões, Luís de (1685), *Rimas Varias de Luis de Camoens Principe de los Poetas Heroycos, y Lyricos de España*. Ofrecidas al muy ilustre señor D. Iuan da Sylva Marquez de Gouvea, Presidente del Dezembargo del Paço, y Mayordomo Mayor de la Casa Real, &c. Commentadas por Manuel de Faria, y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo. Tomo I. y II. Que contienen la primera, segunda, y tercera Centuria de los Sonetos. Lisboa Com privilegio Real.

En la Imprenta de Theotonio Damaso de Mello Impressor de la Casa Real.
Con todas las licencias necesarias. Año de 1685.

Camões, Luís de (1688), *Rimas Varias de Luis de Camoens, Principe de los Poetas Heroycos, y Lyricos de España*. Ofrecidas al muy ilustre señor Garcia de Melo, Montero Mor del Reyno, Presidente del Dezembargo del Paço, &c. Commentadas por Manuel de Faria, y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo. Tomo III. IV. y V. Segunda parte. El tom. III. contiene las Canciones, las Odas, y las Sextinas. El tom. IV las Elegias, y las Octavas. El tom. V las primeras ocho eglogas. Lisboa. Con todas las licencias necesarias. En la Imprenta Craesbeckiana. Año M.D.C.LXXXVIII. Con Privilegio Real.

Camões, Luís de (1861), *Obras de Luiz de Camões, precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, augmentadas com algumas composições ineditas do Poeta*, pelo Visconde de Juromenha, volume II. Lisboa: Imprensa Nacional.

Camões, Luís de (1866), *Obras de Luiz de Camões, precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, augmentadas com algumas composições ineditas do Poeta*, pelo Visconde de Juromenha, volume V. Lisboa: Imprensa Nacional.

Camões, Luís de (2002), *Lírica completa* III, prefácio e notas de Maria de Lourdes Saraiva, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Camões, Luís de (2022), *Epistolário magno de Luís de Camões*, volume I, Celestina em Lisboa, edição crítica, analítica e comentada por Felipe de Saavedra. Amadora: Canto Redondo.

[Carlos, Frei Diogo, OFM] (1595), *Psalmi confessionales inventi in scrinio sereniss[imi] reg[is] Portugaliae, D[omini] Antonii hujus nom[inis] primi, propria r[egia] manu scripti. In iis peccator divinam peccatis suis misericordiam implorat*. Lutetiae, apud Federicum Morellum typographum Regium, via Jacobaea, ad insigne Fontis. M. D. XCV. <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb39303928q>.

Carvalho, José Adriano de Freitas (1995), D. António, Prior do Crato, Príncipe Penitente. Os ‘Psalmi Confessionales’: do ‘Exemplum’ à devoção. 1595-1995. *Via spiritus* 2, 67-129.

Cunha, Mafalda Ferin (2011), *A poesia de Martim de Castro do Rio (c. 1548-1613)*, Coimbra: Imprensa da Universidade.

- Draghici-Vasilescu, Elena Ene (2016), *The Nourishing word. The symbolism of milk in Late Antiquity and the Middle Ages*, Oxford University Research Archive, <https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:b25eb188-38c0-41b8-a3cd-e3ccc66981cf>.
- Draghici-Vasilescu, Elena Ene (2018), *Heavenly Sustenance in Patristic Texts and Byzantine Iconography, Nourished by the Word*, London: Palgrave Macmillan.
- Fernandes, Geraldo Augusto (2017), As formas no ‘Cancioneiro geral’ de Garcia de Resende: tradição e inovações, *Convergência Lusíada* 38, 40-58.
- Fonte, Juliana Simões (2011), As vogais médias do português quinhentista a partir das rimas de ‘Os Lusíadas’, *Anais do SILEL* 2-2. Uberlândia: EDUFU, <https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1475.pdf>.
- France, James (2011), The Heritage of Saint Bernard in medieval art, in AA.VV., *A Companion to Bernard of Clairvaux*, Leiden: Brill, 305-346.
- Fricke, Beate (2013), A liquid history: Blood and animation in late medieval art, *RES: Anthropology and Aesthetics* 63/64, Wet/Dry, 53-69, <https://www.jstor.org/stable/23647754>.
- Guardiola-Griffiths, Cristina (2022), Nursing Enlightenment and a Grudge—Reinventing the Medieval Virgin’s Benevolent Breasts, *Religions* 13:326, 1-19, <https://www.mdpi.com/2077-1444/13/4/326>.
- Guéranger, Prosper (1911), *L’Année liturgique, la passion et la semaine sainte*, Vingt troisième édition, Paris: Librairie H. Oudin.
- Jerónimo, Eusébio (1884), *Sancti Eusebii Hieronymi Stridonensis presbyteri opera omnia*, post monachorum ordinis S[ancti] Benedicti e congregatione S[ancti] Mauri, sed potissimum D[ominum] Joannis Martianaevi, recensionem denuo ad manuscriptos Romanos, Ambrosianos, Veronenses et multos altros, nec non ad omnes editiones Gallicas et exteras castigata, plurimis antea omnino ineditis monumentis aliisque S[ancti] Doctoris lucubrationibus seorsim tantum vulgatis aucta, notis et observationibus illustrata, studio et labore Vallarsii et Maffaeii Veronae presbyterorum, editio Parisiorum novissima, justa secundam ab ipsis Veronensibus iteratis curis recensitam typis repetita, accurante et denuo recognoscente J[acques]-P[aul] Migne, Bibliothecae Cleri Universae, sive Cursuum Completorum in singulis scientiae Ecclesiasticae Ramos editore. Tomus septimus, Parisiis apud Garnier Fratres, Editores et J[acques]-P[aul] Migne Successores, in via dicta: Avenue du Maine, 189, olim Chaussée du Maine, 127.

Júdice, Nuno (2022), Um inédito de Camões – com alecrim de entrada e manjeirona à sobremesa, *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias* 27.7-9.08, 6-7.

Martins, Mário, S. J. (1951), “‘Babel e Sião’, de Camões, e o pseudo-Jerónimo”, *Brotéria* 52-4 (separata).

McCormick, Finbar (2012), Cows, milk and religion: the use of dairy produce in early societies, *Anthropozoologica* 47.2: 100-111, <https://sciencepress.mnhn.fr/sites/default/files/articles/pdf/az2012n2a7.pdf>.

Mirabileweb (s/d), “Lignum vitae quaerimus (De sancta cruce et Beata Maria Virgine sive Sequentia per octavam nativitatis Beate Mariae Virginis)” <https://www.mirabileweb.it/title/lignum-vitae-quaerimus-title/232746>.

Mohamed, Ayman Mohamed Ahmed (2017), IAt The Milk Goddess in Ancient Egyptian Theology, *Journal of the General Union of Arab Archaeologists* 2: 28-56.

Nascentes, Antenor (1955), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, com prefácio de W. Meyer Lübke, segunda tiragem do I tomo, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

O’Connell, Patrick Francis (1985), *The ‘lignum vitae’ of Saint Bonaventure and devotional tradition*, Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in the Department of Theology. New York: Fordham University.

Penniman, John David (2017), *Raised on Christian Milk, Food and the Formation of the Soul in Early Christianity*, New Haven & London: Yale University Press.

Pereira, José Carlos Seabra (1984a), Para o estudo das incidências augustinianas na lírica de Camões, in AAVV., *IV Reunião Internacional de Camonistas – Actas*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 431-448.

Pereira, José Carlos Seabra (1984b), Apontamentos sobre uma elegia augustiniana de Camões «Se quando contemplamos as secretas», in AA.VV., *Afecto às letras, homenagem da literatura portuguesa contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 329-335.

Pien, Jean (1739), *Acta Sanctorum Augusti, Ex Latinis & Graecis, aliarumque gentium Monumentis, servatâ primigeniâ veterum Scriptorum phrasi, Collecta, Digesta, Commentariisque & Observationibus illustrata a Joanne Pinio, Guilielmo Cupero, e Societate Jesu Presbyteris Theologis, Tomus IV, Antuerpiae: Apud Bernardum Albertum vander Plassche, MDCCXXXIX*.

- Pittiglio, Gianni (2015), L'iconografia di sant'Agostino nel Quattrocento tra innovazione e continuità, *Iconografia Agostiniana*, XLI / 2 Il Quattrocento, Primo Tomo – Saggi e Schede di Alessandro Cosma & Gianni Pittiglio, Roma: Città Nuova Editrice.
- Ponce Cárdenas, Jesús (2014), Un dubbio agustiniano del siglo de oro: la imagen y el verso, in AA.VV., *Genus Omne Deum Imágenes poéticas del principio divino*, Madrid: Ediciones Universidad San Dámaso, 173-212.
- Possidius (1975), *Possidii vita Augustini*, testo critico a cura di A. A. R. Bastiaensen, in Vita di Cipriano, Vita di Ambrogio, Vita di Agostino, introduzione di Christine Mohrmann, testo critico e commento a cura di A. A. R. Bastiaensen, traduzioni di Luca Canali e Carlo Carena. Verona: Fondazione Lorenzo Valla / Arnoldo Mondadori Editore, 127-241.
- Rancour-Laferrriere, Daniel (2018), *Imagining Mary, A Psychoanalytic Perspective on Devotion to the Virgin Mother of God*, New York: Routledge.
- Remédios, Joaquim Mendes dos (1924), *Camões Poeta da Fé*, Coimbra: Coimbra Editora.
- Rodrigues, Manuel Augusto (1985), As redondilhas «Sôbolos rios» e a tradição patrística, *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 241-268.
- Roys y Roças, Antonio de (1614), *La Ciudad de Dios del glorioso doctor de la Iglesia S[ancto] Agustin*, Obispo Hiponense en veynte y dos libros. Contienen los principios, y progressos desta Ciudad con una defensa de la Religion Christiana contra los errores y calumnias de los Gentiles. Traduzidos de Latin en Romance por Antonio de Roys y Roças, natural de villa de Vergara. Dirigidos a Don Pedro Manrique Arcobispo de Zaragoza, del Consejo de su Magestad. Año 1614. Con Privilegio. En Madrid, por Iuan de la Cuesta. Vendese en casa de Francisco de Robles, Librero del Rey N[uestro] S[eñor].
- Saavedra, Felipe de (2025a), Em memória de Nuno Júdice (1949-2024), in AA.VV., *Atas do I Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões*, Macau 24-25 de fevereiro de 2024, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 11-14. <https://irp.cdn-website.com/90c88ca3/files/uploaded/ATAS+MACAU+Felipe+de+Saavedra+11+-+14.pdf>.
- Saavedra, Felipe de (2025b), A poesia e os astros em Camões, in AAVV., *Atas do I Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões*, Macau 24-25 de fevereiro de 2024, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 31-56. <https://irp.cdn-website.com/90c88ca3/files/uploaded/ATAS+MACAU+Felipe+de+Saavedra+31+-+56-2c6be9cb.pdf>.

- Santa Maria, Nicolau de (1668), *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S[anto] Agostinho*. Segunda parte dividida em 6. livros. Pello P[adre] Dom Nicolao de S[anta] Maria, natural de Lisboa, Conego Regrante, & Chronista da Congregação de S[anta] Cruz de Coimbra. Em Lisboa: Na Officina de Ioam da Costa. M. DC. LXVIII. Com todas as Licenças necessarias.
- Saraiva, António José (2024), *Luís de Camões*, 5ª ed., Lisboa: Gradiva [1959].
- Schaefer, Laura Isern (2014), *The Iconography of the Madonna Lactans in The Thirteenth and Sixteenth Centuries Italian Art: lithurgy [sic] and devotion*, Masters thesis, London: University of London.
- Solesmes (1902), *Cantus varii in usu apud nostrates ab origine ordinis, aliaque carmina in decursu saeculorum pie usu parta*, Romae-Tornaci-Parisiis Typis Societatis S. Joannis Evangelistae Desclée, Lefebvre & Soc. S. Sedis Apost. et S. Rituum Congreg. Typograph. Anno Salvationis M.CM.II, *Cantus varii romano-seraphici*, Solesmes, 1902, p. 73.
- Ulianich, Boris (2007), “La Croce, Iconografia e interpretazione (secoli I-inizio XVI)”, *Atti del convegno internazionale di studi (Napoli, 6 - 11 dicembre 1999)*, Volume I, a cura di Boris Ulianich con la collaborazione di Ulderico Parente. Napoli: Elio de Rosa editore.
- Valderrama, Pedro de (1612), *Teatro de las religiones, compuesto por el Padre M[ae]stro Frai Pedro de Valderrama, prior del Convento de S. Augustin de Sevilla, natural de ella*. Impreso en el conuento de S. Augustin de Seuilla. Año de 1612. Por Luis Estupiñan.
- Vieira, Luísa Pais (2013), *Vilancico religioso na Península Ibérica – século XVI: Os vilancicos de Pedro de Cristo (c.1551-1618)*. Mestrado em Musicologia, s/l: Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa.
- Vulgata (1544), *Biblia Sacrosancta Testamenti Veteris & Noui, iuxta vulgatam quam dicunt æditionem*, à mendis quibus innumeris scatebat, ad priscorum probatissimorumque exemplariorum normam, summa cura parique fide repurgata acrescituta. [...] Lugduni, Apud Hugonem & hæredes Aemonis à Porta.